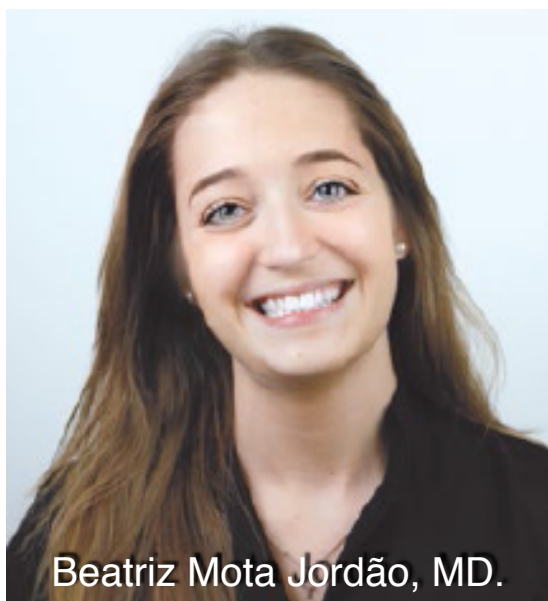




ARTIGO DE OPINIÃO da Dra. Beatriz Mota Jordão

FIRST STEPS IN DENTISTRY - ACABOU A FACULDADE, E AGORA?

Entrar no mercado de trabalho significa entrar num mundo novo, desconhecido e frustrante. Somos a geração da globalização, comunicação e velocidade. Não sabemos como lidar com a frustração, não crescemos com barreiras, e para nós quase qualquer problema pode ser resolvido com um clique. Não temos medo de viajar sozinhos para o outro lado do mundo, mas temos medo de fazer por nós mesmos o que estudámos durante os últimos cinco anos. Porquê? Principalmente porque não nos sentimos seguros, somos treinados para ser dentistas e só dentistas, mas, quando entramos neste novo mundo do trabalho, ninguém quer saber se somos incríveis a fazer uma restauração. Preocupam-se antes em querer saber se conseguimos vender tratamentos, contornar seguros e se aceitamos baixas percentagens. Acabados de sair das clínicas das faculdades, temos pouca experiência, estamos inseguros sobre as nossas habilidades técnicas, mas estamos principalmente frustrados com o que o mercado nos oferece.



Beatriz Mota Jordão, MD.

O crescente número de dentistas e clínicas dentárias que valorizam o preço sobre a qualidade mudou o mercado. O preço comanda e os tratamentos acabam por ser controlados pelo tempo e não pela excelência. Esta mudança de filosofia na medicina dentária é normalmente justificada pela crise económica, mas quando essa filosofia faz com que, aos nossos olhos, um paciente deixe de ser uma pessoa com um problema e passe a ser apenas os nossos próximos 30 minutos, com um seguro a contornar, os nossos valores como médicos estão em crise também.

Num mercado saturado como o português, a procura de emprego para um jovem licenciado deixou de ser uma procura, tornando-se uma autêntica caça.

Portugal encontra-se entre os países europeus com a maior densidade de médicos dentistas por habitante. Acrescendo a isto, o facto da falta de autonomia e prática clínica poder fazer com que os tempos operatórios de um recém-licenciado sejam possivelmente superiores aos de um médico dentista experiente, resulta em que, aos olhos de um empregador, não sejamos nunca a escolha mais rentável.

Com isso em mente, a maioria das clínicas não quer desperdiçar o seu tempo connosco e, se queremos realmente emprego, somos praticamente forçados a aceitar trabalho em locais onde os preços dos tratamentos são realmente baixos, se não gratuitos, e a percentagem que recebemos deles é ainda menor. Quase sem perspectivas de emprego, enquanto dentistas generalistas, sentimo-nos pressionados a correr para uma especialização, na esperança de que nos abra algumas portas.

Mas pós-graduações levam tempo e dinheiro. Dinheiro que não recebemos e tempo que não temos, se quisermos receber.

Entramos numa bola de neve, num beco sem saída, e mais uma vez sentimo-nos frustrados. Sem um currículo que nos destaque, ficamos presos a clínicas de baixo custo e tornarmo-nos parte de um ciclo vicioso. Aceitamos esses empregos precários, pensando sempre que serão temporários, com o objetivo de ganhar prática clínica e de juntar dinheiro para investir na nossa formação. Infelizmente, poucos de nós conseguem quebrar o ciclo, o que nos deixa com uma pequena elite de médicos dentistas especialistas e milhares de outros a sonhar com isso.

Acredito, no entanto, que com a formação pós-graduada apropriada e padrões que compreendam a importância de investir na formação, vale a pena insistir na excelência.

Temos de poder sonhar com mais do que simplesmente emigrar, não acham?

